

▼ Editorial

Exalta a caridade como essência da Doutrina Espírita2

Mais que uma confraternização de jovens espíritas

Em um relato sensível, o integrante da mocidade do IDE-JF, Lucas Assis, descreve como foi a sua experiência na Confraternização de Mocidades Espíritas de Juiz de Fora e Sub-região (Comejus). Além de narrar algumas das atividades do evento, Lucas conta como a participação representou para ele transformações pessoais, na forma de entender o mundo e de lidar com as pessoas.

Páginas 7

Aniversário do IDE-JF

No último mês de abril, o IDE-JF realizou uma série de iniciativas em comemoração aos seus 30 anos de fundação.

Páginas 8

Uma análise espírita da caridade

Ely Matos discorre sobre algumas das dimensões mais interessantes em relação ao entendimento espírita da caridade, abordando seus dilemas, tanto do ponto de vista conceitual, quanto de sua prática. O articulista propõe diversos tópicos para reflexão, além de analisar o caráter salvacionista atribuído à caridade.

Página 3

Evoluir com os outros



Neste artigo, o trabalhador Ricardo Baesso parte da premissa de que, em geral, no Espiritismo, costumamos pensar na evolução por meio apenas do esforço individual. Na sua reflexão, porém, Baesso chama atenção para a importância de articular, ao mesmo tempo, conquistas de ordem coletiva, tendo em vista que a sociedade, como um todo, também precisa se aprimorar a fim de ser mais justa e solidária. O autor lista ações que podem ser adotadas para alcançar esse objetivo.

Página 6

Os personagens célebres do centro espírita

As colaboradoras Juliana Nader e Léia da Hora promovem uma discussão pertinente sobre a celebração de médiuns, cujo fenômeno ocorre comumente nas instituições espíritas. No artigo, as autoras relacionam a oportunidade de aprendizado possibilitada pelo trabalho mediúnico, considerando a necessidade de aprimorar, conjuntamente, as faculdades morais.

Páginas 4 e 5

MINICURSO

JUNHO/2025



Fios e tramas da mediunidade

Conversando com médiuns

Venha estudar a mediunidade

- Mini curso baseado na obra experimental de Léia da Hora (Fios e tramas da mediunidade - Conversando com médiuns).
- Traga seu livro para rabisar e anotar a vontade
- Encontros presenciais nas segundas feiras durante todo o mês de junho.

Início: 02 de junho de 2025 às 20h

O curso será **GRATUITO** e sem necessidade de inscrição prévia

SER BOM É SER ÚTIL  @ide_jf



Confira as novidades e participe!



ide-jf.org.br



ide@ide-jf.org.br



@IDEJF



"Lives IDE-JF"



@idejf



@ide_jf



@ide-jf



Atividades do IDE-JF

Bazar*

Sábado: 9h às 11h30

Biblioteca

Quinta-feira: 19h45 às 21h

Sexta-feira: 14h30 às 16h

Sábado: 18h45 às 20h

Espiritismo para Crianças e Mocidade

Quinta-feira: 20h

Domingo: 9h30 às 10h30

Farmácia/CAEC*

Terça e sexta-feira: 14h às 17h

Tratamento Magnético (passe)

Sexta-feira: 15h e 18h30

Grupo Higiene Mental (on-line)

Terça-feira: 19h30

Livraria

Segunda-feira: 20h às 21h

Terça-feira: 19h às 20h

Quarta-feira: 19h às 20h

Quinta-feira: 19h às 21h

Sexta-feira: 15h às 16h e 18h às 19h

Sábado: 19h às 20h

Domingo: 9h às 10h

Passe – oferecido após a palestra

Quinta-feira: 20h

Sábado: 19h

* Funciona na Avenida Santa Luzia, 40 – Bairro Santa Luzia.

A essência do Espiritismo

A caridade é um tema muito caro para a Doutrina Espírita e é o principal pilar da moral espírita.

O bom entendimento da caridade e, consequentemente, a sua boa prática constituem um grande desafio para todos nós, tendo em vista que ela ainda é muitas vezes mal compreendida e mal praticada.

Muitos de nós talvez possamos nos limitar ao exercício da caridade no âmbito material, às vezes, por comodismo ou praticidade. Porém, a ação da verdadeira caridade envolve questões muito mais amplas e complexas, mexendo profundamente no nosso íntimo, nas nossas convicções, nas nossas vivências, nos nossos preconceitos; afetando diretamente o outro, o nosso próximo.

Pois bem! Este é um dos temas desta edição do jornal O IDEAL, que será abordado por Ely Matos. Esse assunto também se relaciona na essência com o artigo desenvolvido por Ricardo Baesso sobre a evolução solidária. Esperamos afetá-los com esses estudos tanto quanto o Lucas foi afetado ao participar da Comejus.

Será que o exercício mediúnico também é um ato de caridade? Veremos no texto escrito por Juliana Nader e Léia da Hora, abordando o trabalho mediúnico.

Trata-se de temas extremamente atuais e importantes para nosso estudo, para a nossa reflexão e, principalmente, para a nossa prática diária, tanto no âmbito pessoal quanto no relacionamento com as pessoas ao nosso redor.

Nosso maior desejo é que O IDEAL possa inspirá-los ao estudo, à compreensão e à prática diária da Doutrina Espírita em sua essência.

Boa leitura!

Grupos de Estudos

Obra, Autor	Dirigente	Dia, horário Formato
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	Graça Paulino	Domingo, 9h - 9h45 – Presencial
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	Thereza Cristina	Segunda, 19h - 19h45 – On-line
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	João Luiz da Rocha	Segunda, 19h - 20h Presencial
<i>Fios e Tramas da Mediunidade – Conversando com Médiuns</i> , Léia da Hora	Léia da Hora	Segunda, 20 - 21h Presencial
<i>Jesus de Nazaré, O que a história tem a dizer sobre ele?</i> André Leonardo Chevitarese	Graça Paulino e Antônio Carlos	Quarta, 20h – Presencial
<i>Revista Espírita, Ano 1863</i> , Allan Kardec	Ademir Amaral	Sexta, 20h30 - 21h30 – On-line

PALESTRAS PÚBLICAS PRESENCIAIS

QUINTA-FEIRA ÀS 20H

SÁBADO ÀS 19H

Venha ouvir a exposição de temas espíritas,
tomar passe e colocar o nome de pessoas
queridas na vibração.
Traga a família e os amigos!

Diretoria do IDE-JF

Departamento Administrativo: Ademir Amaral e Marco Antônio Corrêa

Departamento de Comunicação: Elisa M. da Costa, Claudia Nunes, Lucas Rieger e Osvaldo Silva Filho

Departamento Doutrinário: Chrystian Barroso Chaves e Myrianceli Jorio

Departamento Editorial: Elisa M. da Costa e Osvaldo Silva Filho

Departamento de Evangelização: Izabela de Paula Gonçalves e Lucas Rieger

Departamento Mediúnico: Emília Paro e Geraldo Marques

Departamento Social, de Promoção e Eventos: Claudia Nunes e Janezete Marques

Expediente

O IDEAL é uma publicação bimensal do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora

Rua Torreões, 210 – Santa Luzia – 36030-040 Juiz de Fora/MG

Tel.: (32) 3234-2500 – divulgacao.idejf@gmail.com

Departamento de Comunicação: responsabilidade compartilhada entre todos os

departamentos, sendo o jornal O Ideal uma atribuição do Departamento Editorial

Jornalista Responsável: Allan de Gouvêa Pereira – MTE: 18903/MG

Editoração: Angela Araújo Oliveira

Tiragem: 500 exemplares

Impressão: W Color Indústria Gráfica – Tel.: (32)3313-2050

Os artigos não assinados são de responsabilidade do Departamento de Comunicação do IDE-JF.

Dilemas da caridade

Ely Edison Matos

Certamente, a caridade é reconhecida como um dos pontos centrais do Espiritismo. A partir da publicação de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, em que Allan Kardec estabelece a identidade da moral espírita com a moral cristã, vários preceitos evangélicos são incorporados ao corpo doutrinário. O objetivo da Doutrina Espírita deixa de ser apenas a revelação do mundo espiritual para ser também o desenvolvimento do chamado “homem de bem”.

Essa assimilação dos textos evangélicos não se dá sem algumas questões, que são repetidamente discutidas no meio espírita. Citemos apenas duas, relacionadas ao nosso tema. Primeiro, há um problema de terminologia. Como entender a palavra “salvação”, na máxima “Fora da caridade não há salvação” [1]? O Espiritismo não é uma doutrina salvacionista: ele propõe que o progresso espiritual é constante e gradativo. Segundo, como entender uma proposta de “perfeição moral” a ser alcançada aqui na Terra, quando conhecemos a escala de evolução dos Espíritos e dos mundos?

Essas questões, entre outras, dão origem ao que poderíamos chamar de “dilemas da caridade”. Esses dilemas surgem do contraste entre a proposta evangélica de doação e resignação absolutas (“*E, ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa; E, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pedir, e não te desvies daquele que quiser tomar emprestado de ti.*” [2]) e situações mais pragmáticas que surgem na aplicação desse princípio, principalmente quando estamos encarnados.

Exemplos desses dilemas, que todos conhecemos, aparecem em questões como: “devemos ajudar a todos indistintamente, ou só àqueles que estão se esforçando por melhorar?”, “devemos

continuar perdendo quem continua errando de forma voluntária e consciente?”, “como avaliar as reais necessidades daquela pessoa ou família?”, “a assistência material deve ser acompanhada de esclarecimento doutrinário?”. São muitas e variadas as perguntas – e também as respostas.

Não acreditamos que exista uma posição única e absoluta, uma resposta definitiva. Justamente pela nossa condição de Espíritos (e sociedades) em evolução, há uma imensa diversidade de fatores que fazem com que cada pessoa (e cada grupo) pense de forma diferente. O contexto social, a formação religiosa, o conhecimento doutrinário, a experiência pessoal, as pressões culturais e a visão de mundo tornam cada situação uma situação específica. Tentar impor um ponto de vista único é, paradoxalmente, falta de caridade.

No entanto, também acreditamos que, à luz da Doutrina Espírita, alguns pontos merecem reflexão antes de se decidir o caminho a seguir:

- A caridade jamais deve ser tomada apenas do ponto de vista material. A resposta sobre o “verdadeiro sentido” da caridade [3] (benevolência, indulgência e perdão) não envolve questões materiais. A assistência material pode ser vista como um paliativo, algo que atende à necessidade imediata, e não um fim em si mesmo. O prato de sopa deveria, sempre que possível, ser acompanhado de um diálogo.
- O auxílio, seja material, seja intelectual, seja moral, jamais deveria ferir a dignidade da outra pessoa, fazendo com que ela se sinta inferior, menor ou limitada em qualquer aspecto. A esmola é sempre ruim, embora às vezes necessária. Todo auxílio deveria representar alguma troca, em que a pessoa

beneficiada possa oferecer algo de si.

- É preciso superar o caráter “salvacionista” do exercício da caridade. Por causa da influência religiosa, muitas pessoas desenvolvem sentimentos de culpa, quando não participam de atividades de assistência material. Alguns se sentem “menos espíritas”, outros acham que não vão para “um bom lugar”, outros até se afastam das atividades espíritas. Alguns sacrificam seus poucos momentos de lazer ou de estar com a família em prol das “atividades com os necessitados”. É preciso cuidado com os extremos. É preciso lembrar que o “sacrifício mais agradável a Deus” ocorre no campo da moralidade, da relação com quem está próximo.
 - A “tentação dos números” também merece atenção. Como em todas as atividades de cunho espiritual, a qualidade é mais importante que a quantidade. Adequar o atendimento ao tamanho da casa, ao número de trabalhadores, aos recursos materiais e financeiros disponíveis, é fundamental. Se a assistência material se tornar impossível, que mais tempo e recursos sejam dedicados aos estudos – que também fazem parte do exercício da caridade.
- Finalmente, talvez o ponto mais difícil: o entendimento de que a prática do bem, em suas múltiplas dimensões, não tem por objetivo essencial a mudança da outra pessoa. Fazer o bem é principalmente um exercício individual de transformação, de superação, de crescimento moral de quem o faz. Qualquer avaliação sobre a eficácia da caridade, portanto, não deve ser feita considerando o beneficiado, mas sim o praticante.

Fontes consultadas

[1] *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Allan Kardec. Cap. 14.

[2] *Mateus* 5:40-42

[3] *O Livro dos Espíritos*. Allan Kardec. Questão 886.

Quem é a “estrela” do centro espírita?

Juliana Nader e Léia da Hora



Aposto que você já foi logo pensando quem seria, não é verdade? E não foi a figura do médium a primeira que lhe veio à mente? Pode até ser que não seja o seu caso, mas, infelizmente, ainda existe uma certa tendência a eleger os médiuns de uma casa espírita como os “astros” da mesma, quando, porém, em verdade, o “centro do palco” deveria ficar para os ensinamentos de Kardec, seus estudos, para o movimento do grupo em prol do bem e a certeza de que somos todos instrumentos de Deus – nenhum mais importante do que o outro.

Ora, mas não queremos negar, sob pena de ignorar a realidade, que, quando se fala em Espiritismo, as comunicações espirituais e a mediunidade logo entram em cena...

Eis, então, que surgem as mais variadas questões, dentre as quais escolhemos duas sobre as quais refletir, certo, Léia?

- Dar passividade a Espíritos torna o homem melhor?
- Há caridade ao receber Espíritos?

Alô, Juliana querida, logo de cara, eu, com meu “viralatismo”, pensei: “estrela do centro espírita?”, só se for estrela cadente (risos). Só lembrar que médiuns com capacidades extraordinárias já se perderam na fascinação das ideias em comunicações e relações com seus companheiros espirituais. Mas vamos convir: por época da codificação da Doutrina dos Espíritos, evidentemente, os médiuns foram o instrumento ideal, sem os quais

todo o conteúdo extraordinário do Espiritismo não poderia ter nos sido passado.

É inegável que, por muitos anos, a mediunidade vem sendo útil no esclarecimento do pensamento humano, trazendo-lhe as luzes do raciocínio e do conhecimento, mas também não se pode ignorar que, hoje, os homens, por estes mesmos conhecimentos, se expandiram em compreensão e, tendo ganhado uma liberdade relativa ao seu desenvolvimento, começam a pensar por si próprios e acabam interpretando as mensagens mediúnicas à sua maneira – muito embora, como acontece com todos nós, ainda muito lhes falte para entenderem em profundidade os mistérios da criação.

Este é um momento evolutivo grave em nossa responsabilidade de como utilizamos o conhecimento já adquirido. Não foi à toa que Irmão Jacob, no livro “Voltei”, asseverou: *“Sempre que possível, coopero com os amigos no desenvolvimento do ideal que abraçamos; todavia, não é imperioso venham, a saber, de minha presença pessoal nas tarefas que lhes competem. A liberação do corpo pesado não nos exonera da obrigação de servir nas fileiras do Espiritismo com Jesus; entretanto, podemos atuar sem nos identificarmos. Não faltam meios para a ação sem barulho, mais substancial e mais proveitosa, atentos, quanto devemos estar, à vitória da ideia cristã e não ao prevalecimento indébito e provisório de nossos pontos de vista”*. Ou seja, a análise, do que os Espíritos comunicam na atualidade deve ser cuidadosamente feita por cada um de nós pelos parâmetros de



O Espiritismo de uma forma mais simples (3ª edição – revisada 2014)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



O Evangelho de uma forma mais simples (2009)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



Kardec.

Imagina, Juliana, se questionarmos o tripé doutrinário Deus/Espírito/matéria, o que nos sobra para um raciocínio lógico e sensato? Seria questionar o próprio Cristo, que nos afirmou enviar um Consolador. Se tomarmos atalhos por outras ideias, geralmente aquelas que nos são simpáticas, certamente estaremos incorrendo em grave erro, tardando assim nosso crescimento espiritual.

Nesse ponto de nosso raciocínio, a humildade deve ser fator preponderante, mostrando-nos um caminho trilhado pelo bom senso e pela prudência.

Isso posto, vamos à sua pergunta: dar passividade a Espíritos torna o homem melhor?

Depende. A simples capacidade mediúnica, se não resultar em algum bem como consequência de seu uso, por si só é neutra. Se o fenômeno mediúnico trouxer algum bem ao Espírito comunicante, se proporcionar algum bem aos semelhantes e, por fim, se funcionar como um fator de despertar para o médium, tornando-o um ser humano melhor, aí sim, o seu portador sairá da encarnação mais depurado.

Quanto à segunda questão, “há caridade ao receber Espíritos?” olha que coisa interessante: depende também. O simples fato de ser instrumento de comunicação entre Espíritos encarnados e desencarnados não configura um ato de amor. Já vi muito médium dar passividade a seus próprios obsessores, e não resultar disso melhora alguma a nenhum dos dois. Esta, a bem da verdade, é uma coisa sobre a qual nos faltam experiência e informações suficientes para nossa análise.

São tantas implicações! Sobre uma coisa, porém, tenho certeza: médiuns que vão a reuniões só para receber Espíritos, porque lhes foi incutido que é assim que funciona, dificilmente saem da encarnação melhores do que quando entraram. E, se assim for, que bem eles fizeram aos Espíritos que por eles passaram? O sujeito trocando experiências com o mal lavado? Mas, veja bem, esta é a minha visão humana, imperfeita, limitada...

Por outro lado, há muita caridade, sim, ao receber os Espíritos e dar-lhes uma palavra esclarecedora, um alívio

Médiuns que vão a reuniões só para receber Espíritos, porque lhes foi incutido que é assim que funciona, dificilmente saem da encarnação melhores do que quando entraram.

para suas dores morais, acender as luzes da esperança em suas noites escuras de desespero. A oração sincera do irmão sensível e generoso mostra-lhes que não estão sozinhos, que alguém intercede por eles junto ao Pai. Quanto consolo lhes pode ser dado!

E, se eles estão nessa condição dolorosa de aprendizado agora, quem nos garante que, amanhã, não seremos nós a estar em semelhante situação? Não somos melhores que eles pelo simples fato de estarmos em equilíbrio nos dias atuais; o que nos diferencia é o desequilíbrio em que se encontram, certo?

Bom, nesse ponto, reportamo-nos aos tempos da pandemia para seguir em nossas reflexões: o que aconteceu aos Espíritos nesse período em que os médiuns não trabalharam?

Faltou-lhes ajuda? Eis a questão.

Poderia deixar de existir médiuns de psicofonia e, ainda assim, os Espíritos necessitados seriam ajudados? Deus lhes faltaria com Seu amor? Só temos os parâmetros da Doutrina a nos nortear, em *O Livro dos Espíritos*, questão 664:

“Será útil que oremos pelos mortos e pelos Espíritos sofredores?”

“E, neste caso, como lhes podem as nossas preces proporcionar alívio e abreviar os sofrimentos? Têm elas o poder de abrandar a justiça de Deus?”

“A prece não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem se ora experimenta alívio, porque recebe assim um testemunho do interesse que inspira àquele que por ela pede e também porque o desgraçado sente sempre um refrigério, quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. Por outro lado, mediante a prece, aquele que ora concita o desgraçado ao arrependimento e ao desejo de fazer o que é necessário para ser feliz. Neste sentido é que se lhe pode abreviar a pena, se, por sua parte, ele secunda a prece com a boa vontade. O desejo de melhorar-se, despertado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores, que o vão esclarecer, consolar e dar-lhe esperanças. Jesus orava pelas ovelhas desgarradas, mostrando-vos, desse modo, que culpados vos tornarieis, se não fizésseis o mesmo pelos que mais necessitam das vossas preces.”

Ficam aqui nossas tantas dúvidas sobre tão importante questionamento. Que Deus nos auxilie na compreensão de tão graves temas.



A Mediunidade de uma forma mais simples (2016)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



Que somos nós? Um estudo da interação Espírito, corpo e ambiente (2015)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Alberto Mourão Júnior, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa, Eliane Banhato e Lyderson Viccini

R\$ 22,00

Disponível na Livraria

Evolução solidária

O modo espírita de pensar se caracteriza por um forte apelo ao esforço pessoal. Foi bem definido por Kardec, ao examinar a dinâmica da evolução espiritual, que depende apenas do Espírito acelerar ou retardar a sua chegada a uma condição evolutiva superior.¹ E isso depende essencialmente do esforço, da disciplina e da determinação.

No entanto, Kardec também mostrou que, ao lado da evolução de caráter pessoal, existe outra, de natureza coletiva, ao afirmar que consta dos objetivos da encarnação, fazermos, cada um de nós, nossa parte na obra da Criação, ou seja, investirmos no progresso geral.²

Sobre isso, destaca-se a expressão *evolução solidária*, apresentada por Gustavo Geley, ilustre pesquisador espírita, morto em 1924. Geley se referia à necessidade de entendermos o desenvolvimento do Espírito humano, pensamento central da Doutrina Espírita, como um esforço coletivo em prol do aprimoramento, não unicamente pessoal, mas de toda a coletividade.

Escreveu:

*As suas consequências práticas [da reencarnação] são fáceis de conceber. Antes de tudo, ela impõe o trabalho e o esforço; não o esforço isolado, a luta pela vida egoísta, mas o esforço solidário, porque tudo o que favorece ou retarda a evolução de outrem e a evolução geral favorece ou retarda a evolução de qualquer membro da coletividade.*³

Embora a evolução se dê na intimidade de cada um, na expansão pessoal e intransferível dos recursos cognitivos e afetivos, o enfoque exclusivista dessa evolução neutraliza a própria dinâmica do processo, pois se cristaliza no egoísmo, a fonte de todas as imperfeições humanas.⁴ Além disso, que sentido faz avançarmos quando aqueles que amamos permanecem para trás? Como nos acomodarmos diante das conquistas espirituais quando assistimos a tantos infelizes e atormentados clamando um instante de paz e o alívio de suas dores? A evolução será solidária

ou não será plena e compensatória.

Assim, se desejamos sinceramente fazer parte do belo movimento que luta por uma sociedade mais justa e solidária, devemos:

- Aceitar que a evolução humana se dá nas duas dimensões de vida, e que almas de elevada condição intelecto-moral se preocupam com o destino da Terra e investem no melhoramento global.
- Confiar em nossa capacidade de superação, sem desanimar diante de notícias e interpretações de fatos que focam apenas a parte sombria dos acontecimentos.
- Compreender que a revolução social se inicia dentro de nossa mente e a mudança nas perspectivas pessoais pode incrementar as mudanças coletivas.
- Considerar o bem-estar dos outros como algo tão relevante quanto o nosso bem-estar, compreendendo que as esferas de ação dos seres humanos que machucam uns aos outros não são nem universais nem inevitáveis.
- Compartilhar todo o conhecimento adquirido, pois ele é sempre resultado de um labor coletivo.
- Incrementar o respeito à autonomia e à dignidade de cada um, pois trata-se de um imperativo ético, e não de um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.
- Admitir que é imoral afirmar que a fome e a miséria a que se acham expostos milhões de pessoas são uma fatalidade em face de que só há uma coisa a fazer: esperar pacientemente que a realidade mude.
- Reconhecer que o progresso alcançado até agora, na longa trajetória da humanidade, é insuficiente e parcial e que não se pode acomodar diante da injustiça, da corrupção e da opressiva desigualdade social.
- Inspirar nossas ações na ética da com-

Ricardo Baesso de Oliveira
paixão e do autocontrole, ao entender que a moral se resume em dois princípios: não causar prejuízo a ninguém e fazer todo o bem possível.

- Dar aos bens materiais o valor relativo à satisfação das necessidades da corporeidade, sem fixar-se de forma apaixonada em nenhum deles e reconhecendo que os únicos valores imperecíveis são os do Espírito.
- Promover profunda revisão dos conceitos distributivos do trabalho remunerado, com redução significativa das diferenças salariais injustificáveis.
- Compreender que toda ação no mundo direcionada ao bem contagia aqueles que veem, que podem sentir-se igualmente responsabilizados por realizar ação equivalente.

Na sua inesquecível viagem de divulgação do Espiritismo, acontecida em 1862, Kardec se deparou com a seguinte pergunta:

Não seria desejável que os espíritas tivessem uma senha, um sinal qualquer para se reconhecer quando se encontram?

O codificador respondeu de forma genial:

*Os espíritas não constituem nem uma sociedade secreta, nem uma afiliação. Eles não devem, pois, ter nenhum sinal secreto para mútua identificação. Eles nada ensinam e nada praticam que não possa ser conhecido por toda a gente e não têm, por consequência, nada a ocultar [...] Vós tendes uma senha que é compreendida de um ao outro extremo do mundo: é a da caridade. Esta palavra é fácil de ser pronunciada e pode estar na boca de todos, mas a verdadeira caridade não pode ser falsificada. Na prática da caridade reconheceréis sempre um irmão, ainda que ele não se diga espírita, e deveis estender-lhe a mão, pois, se ele não vos partilha a crença, nem por isso deixará de ser para convosco benevolente e tolerante.*⁵

Fontes consultadas

¹ O Livro dos Espíritos, item 117.

² O Livro dos Espíritos, item 132.

³ Resumo da Doutrina espírita, Gustavo Geley.

⁴ O Livro dos Espíritos, item 917.

⁵ Viagem espírita de 1862.

Minha experiência na Comejus

Lucas Gonçalves Assis

Participar da Comejus foi uma das experiências mais marcantes da minha vida. Quando me inscrevi, confesso que esperava apenas um encontro agradável, com algumas palestras interessantes e momentos de espiritualidade. Mas o que vivi ali foi muito mais profundo. Foi como se, por alguns dias, eu tivesse sido transportado para um espaço de acolhimento, reflexão e aprendizado que mexeu com cada pedacinho do meu ser.

Logo na chegada, já deu para sentir que algo especial estava para acontecer. A energia dos voluntários, o sorriso no rosto das pessoas e o clima de união me envolveram de imediato. Era como se todos estivéssemos ali por um mesmo ideal, uma mesma busca: evoluir, conectar-se com o bem e se entender melhor como Espíritos em jornada. Eu me senti pertencente.

As palestras foram um ponto alto. Cada orador, com seu jeito único, me tocou de formas diferentes. Um dos momentos que mais me marcou foi quando falaram sobre o tema *Influência que Transforma: O Jovem e Seu Impacto no Mundo*. As palavras mexeram comigo porque não se tratava apenas de ouvir conceitos ou doutrinas, mas de receber um convite à ação, à transformação real da nossa conduta diária. Em alguns momentos, senti vontade de chorar, de rir, de me levantar e abraçar quem estivesse ao meu lado. Foi intenso.

As oficinas também foram incríveis. Pude participar de uma sobre juventude e responsabilidade espiritual, e outra sobre comunicação não violenta. Foi muito interessante refletir sobre como usamos nossas palavras, nossos gestos, e até mesmo

nossos silêncios no trato com os outros. Como jornalista em formação, essa parte me tocou de modo especial – pensar na comunicação como um instrumento de caridade foi transformador.

Senti que ali havia um chamado para usar meus dons com mais consciência. Mas a Comejus não foi feita só de palestras e oficinas. Os momentos de convivência me ensinaram tanto quanto as palavras ditas no microfone. As conversas nos corredores, as risadas no refeitório, os olhares sinceros nos momentos de prece... tudo isso construiu um cenário que não tem como esquecer. Conheci pessoas que talvez levem anos para reencontrar fisicamente, mas que já se tornaram irmãos de alma.

A evangelização e os momentos artísticos foram outra bênção. Eu fiquei emocionado ao ver jovens colocando suas emoções em forma de música, teatro e poesia. Era como se o amor que sentimos pela doutrina e por Jesus ganhasse forma e cor diante de nossos olhos. Cada apresentação me fazia sentir: “é isso, é por isso que estou aqui”.

No último dia, durante o encerramento, tive a sensação de estar voltando para casa com o coração muito mais leve. Mas não leve por estar vazio — leve porque estava cheio de fé, esperança, aprendizado e vontade de ser uma pessoa melhor. A Comejus me ajudou a entender que o Espiritismo não é apenas um conjunto de ideias. É um caminho de vida. É prática. É esforço diário. É cair e levantar. É perdoar. É amar, mesmo sem ser amado de volta.

Durante o evento, também me reconectei com uma parte muito importante de mim: a fé. Às vezes, a gente entra em

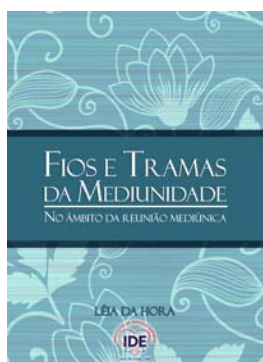
piloto automático e esquece porque escolheu caminhar com Jesus. A Comejus me lembrou. Ela me lembrou do amor de Deus, da paciência dos bons Espíritos, e do quanto somos amparados mesmo quando achamos que estamos sozinhos.

Senti isso de forma real, quase palpável. Saí de lá com muitas perguntas, mas com uma vontade ainda maior de buscar respostas. Percebi que minha trajetória não precisa ser perfeita, mas, sim, sincera. Que posso ter dúvidas, falhas, medos... mas que o mais importante é não parar de tentar, de aprender, de amar.

Se alguém me perguntasse o que é a Comejus, eu diria que é mais do que um encontro de jovens espíritas. É um portal. Um espaço-tempo onde nos encontramos com o nosso eu mais verdadeiro, com amigos espirituais que talvez nem conhecêssemos antes, com ensinamentos que nos acompanham por toda a vida. É um lugar de recomeço.

Voltei para casa diferente com mais vontade de estudar a doutrina, de me envolver com o centro, de ser mais paciente com a minha família, de olhar o outro com mais empatia. Comecei até a escrever mais — sobre minhas reflexões, sobre os temas que vi por lá, sobre o que quero construir com meu trabalho e com minha fé.

A Comejus não foi apenas um evento. Foi um divisor de águas. E se hoje estou aqui, escrevendo esse relato, é porque algo dentro de mim foi tocado de maneira muito especial. Só posso agradecer. E torcer para que cada jovem espírita tenha a oportunidade de viver algo tão bonito quanto isso.

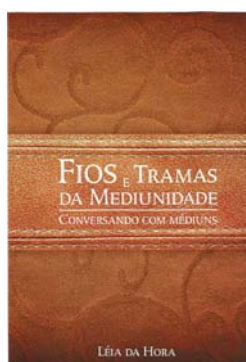


**Fios e tramas da mediunidade:
no âmbito da reunião
mediúnica (2018)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



**Fios e tramas da mediunidade:
conversando com médiuns
(2012)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria

IDE-JF 30 anos

Foi uma alegria nos reunirmos para celebrar o aniversário do IDE-JF, com palestras, mesa-redonda e almoço de confraternização. Cada sorriso, cada abraço e cada conversa fez desses momentos algo inesquecível que fortalecem nossos laços e renovam nosso compromisso com a educação e a transformação social.

Reencontros, memórias, afetos e alegrias marcaram esses eventos. Nesta edição, selecionamos alguns registros do almoço promovido em 27 de abril e da mesa-redonda.

Agradecemos a presença e o carinho de todos que tornaram esses dias mais especiais. Que venham muitos outros encontros como esses!

No Facebook do IDE-JF estão disponíveis todas as fotos registradas nos referidos eventos.

